



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras – IL

Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas – LIP

Programa de Pós-Graduação em Lingüística – PPGL

FONOLOGIA SEGMENTAL PRELIMINAR DA LÍNGUA FULA DA GUINÉ-BISSAU

Ricardo Washington de Sousa Moura

Brasília

2007

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras – IL

Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas – LIP

Programa de Pós-Graduação em Lingüística - PPGL

Mestrado em Lingüística

Ricardo Washington de Sousa Moura

FONOLOGIA SEGMENTAL PRELIMINAR DA LÍNGUA FULA DA GUINÉ-BISSAU

Orientador: Prof. Dr. Hildo Honório do Couto

Brasília

2007

ii

Ricardo Washington de Sousa Moura

FONOLOGIA SEGMENTAL PRELIMINAR DA LÍNGUA FULA DA GUINÉ-BISSAU

Dissertação apresentada ao Departamento de
Linguística, Português e Línguas Clássicas do
Instituto de Letras como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em Linguística pela
Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Hildo Honório do Couto

Brasília

2007

iii

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Hildo Honório do Couto (LIP – UnB)

Presidente

Professora Dra. Poliana Maria Alves (LIP – UnB)

Membro

Professora Dra. Josênia Antunes Vieira (LIP – UnB)

Membro

Professor Dr. Dionei Moreira Gomes (LIP – UnB)

Suplente

*Al-hamadu li'lahi lazi ralaqa
samawati wa ar-dha wa jaala
zhulumati wa'nun.*

Al-Quran Al-Karim

*Louvado seja Deus, que
criou os céus e a terra, e a
luz e as trevas.*

Sagrado Alcorão

DEDICATORIA

Aos meus pais e aos meus irmãos, que sempre estiveram ao meu lado por toda a minha vida e, certamente, inundam-se em felicidades por este momento.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por me permitir chegar até aqui, mesmo com tantos percalços por mim enfrentados nessa jornada;

Ao meu grande *professor* Dioneu. Não fosse por você, eu não estaria aqui agora. Um inestimável amigo que nunca me deixou na mão e que, como já outrora disse, não sei se um dia conseguirei retribuir tamanha consideração, amizade e respeito, os quais, para mim, são uma grande honra;

Ao professor Hildo, que me aceitou como orientando num momento em que eu, de fato, estava desorientado. Agradeço, de coração, acima de tudo, pela paciência, pois sei que ele precisou.

Ao meu prezado amigo de curso, o já Mestre Eriosvaldo. Com você, esse caminho percorrido foi mais leve e divertido. Nunca me esquecerei de nossas conversas inúteis pelos corredores do ICC. É um amigo de verdade, indiscutivelmente;

À Elcivanni, também da minha turma e de grande estima. Mais uma valiosa amizade. Valeu pelos momentos descontraídos e pelo companheirismo;

Ao Jaílton, que infelizmente não concluiu seu Mestrado; devido à grande pessoa que é, pelas boas horas de interação; e a todos os outros amigos que compartilharam comigo bons e tensos momentos durante a Pós;

Aos meus amigos da FEF. Vocês não têm idéia de como foram importantes durante esse meu caminho por aqui, pois me fizeram rir bastante em instantes nos quais, certamente, estaria preocupado ou em plena ansiedade negativa. Cada um sabe a consideração e a amizade que tenho por eles: Nunes, Palu, Alex, Samantha, Mondini, Paulo, Alberto, Glauber. São irmãozinhos mais novos muito especiais;

Aos docentes do Departamento, com quem muito aprendi e evoluí: Luciana Dourado, Cilene Rodrigues, Izabel Magalhães, Marcos Bagno, Marta Scherre, Orlene Carvalho, Heloísa Salles, Aryon Rodrigues (um “arsenal” de conhecimentos), Daniele Grannier (um especial agradecimento) e Lúcia Lobato (*in memoriam*).

Às minhas, hoje, prezadas colegas guineenses, que, com muita boa vontade, ajudaram-me com as palavras para a análise deste trabalho. Sem vocês, ficaria impossível fazer esta dissertação, certamente.

Aos funcionários do LIV, Jacinta e Diego, pelo empenho em nos ajudar;

A amigos essenciais que, de alguma forma, incentivaram-me por esse tempo e levantaram minha auto-estima e sempre demonstraram bastante consideração: Carlos, Silmara, Rosangela, Alexei, Fernando. Todos vocês são indispensáveis para mim.

Ao professor José Olímpio, pelas relevantes observações feitas;

À professora Josênia Vieira, por aceitar integrar a minha banca examinadora e também por dar preciosos conselhos com este trabalho.

À professora Poliana Alves, por ter, gentilmente, aceitado participar da minha banca.

E a quem mais, direta ou indiretamente, tenha-me ajudado a concluir o Mestrado, minha sincera gratidão.

RESUMO

Esta dissertação tem por meta uma descrição inicial da fonologia da língua Fula da Guiné-Bissau. Primeiramente, descreve-se seu espaço geográfico, seu povo e sua família lingüística. Em seguida, aborda-se o foco central deste trabalho, que é a análise segmental fonológica desse idioma. Faz-se uma análise de seus sons vocálicos, consonantais e identificam-se os padrões silábicos existentes.

A metodologia adotada para esta pesquisa foi por meio de um trabalho de campo com uma falante nativa do idioma, a qual pronunciou as palavras solicitadas para que fossem gravadas para posterior análise. Com isso, partiu-se para uma análise bibliográfica baseada, sobretudo, em COUTO (1994, 1995), SILVA (1999) e WEISS (1988), a fim de que os fatores fonológicos da língua fossem identificados e teorizados.

A língua estudada apresenta um conjunto de sete vogais orais /a,e,ɛ,i,o,ɔ,u/ e cinco nasais /ã,ẽ,ĩ,õ,ũ/. As consoantes somam 19 /p,b,t,d,k,g,tʃ,dʒ,f,s,z,ʃ,ʒ,h,r,m,n,ɲ,l/ e há um par de semivogais /w/ e /j/. Os padrões silábicos são cinco, CV, CVC, VV, V e VC, ordenados conforme o grau de ocorrência.

Palavras-chave: fonologia, vogais, consoantes, padrões silábicos, língua fula, Guiné-Bissau.

ABSTRACT

This essay has an objective, which is a showing concerning to Fula language from Guinea-Bissau. Firstly there is a description about its geographic space, its population and its linguistic family. Next it deals with the central focus of this essay: the phonologic segmental analysis of this language. There is an analysis about its vowel and consonant sounds, and the identification of its syllabic standards.

The methodology adopted for this research was a field work with a native fula speaker, which pronounced the requested words to being recorded for posterior analysis. Then a bibliographic analysis was done, mainly with COUTO (1994, 1995 E 1996), SILVA (1999) and WEISS (1988), to identifying and explain the phonological factors of this language.

The researched language shows seven oral vowels /a,e,ɛ,i,o,ɔ,u/ and five nasal vowels /ã,ẽ,ĩ,õ,ũ/. The consonants are 19 /p,b,t,d,k,g,tʃ,dʒ,f,s,z,ʃ,ʒ,h,r,m,n,ɲ,l/ and there is a semivowels couple, /w/ e /j/. The silabic standarts are five: CV, CVC, VV, V e VC, organized by occurrence.

Key-words: phonology, vowels, consonants, silabic standarts, fula, Guinea-Bissau.

SUMÁRIO

Introdução	01
Capítulo 1 – A língua fula e o seu povo	
1.1 – A nação da língua fula	03
1.2 – A etnia fula	05
1.3 – A etnia fula no Brasil	08
1.4 – A língua fula – um idioma espalhado pela África	09
Capítulo 2 – O método da pesquisa	
2.1- O contato inicial com a informante dos dados	13
2.2- O método de trabalho	14
Capítulo 3 – O sistema vocálico do fula guineense	
3.1- Considerações gerais	16
3.2- Os vocóides orais do fula guineense	17
3.3- Os vocóides nasais no fula guineense	22
Capítulo 4 – O sistema consonantal do fula guineense	
4.1- Noções sobre sons consonantais	27
4.2- Estruturação consonântica da língua fula	27

Capítulo 5 – Os padrões silábicos do fula guineense	
5.1- A sílaba	34
5.2- Componentes e classificação das sílabas	35
5.3- Os padrões silábicos do fula guineense	36
5.4- Os ditongos	37
Considerações Finais	41
Referências Bibliográficas	43
Apêndice 1.....	45
Apêndice 2	63
Apêndice 3	65

ÍNDICE DE QUADROS E TABELAS

Tabela de número de falantes bilíngües	04
Quadro fonético dos vocóides	16
Quadro fonológico dos vocóides	17
Pares mínimos e análogos de vocóides	18
Vocóides mais recorrentes	19
Vocóides médio-baixas	21
Pares mínimos vocóide oral x vocóide nasal	22
Vocóides nasais	24
Quadro fonético dos contóides	28
Quadro fonológico dos contóides	29
Pares mínimos fonológicos	30
Ocorrência dos fonemas consonantais	27
Padrões silábicos	37
Ditongos crescentes	39

INTRODUÇÃO

Esta dissertação propõe-se a fazer uma descrição introdutória da fonologia da língua Fula da Guiné-Bissau. Segue-se aqui a linha da *fonologia segmental*, a qual, segundo Pike (1975), deve ser trabalhada com base na análise fonêmica. Já Lyons (1975) afirma que uma pesquisa na área fonológica deve explorar fatos atuais dentro de uma língua, o que explica a necessidade de adquirir um *corpus* que apresente a língua a ser analisada em seu estado contemporâneo.

Assim, para que este trabalho fosse possível, em primeiro instante foi necessário contactar uma informante, a fim de gravar palavras que integrem o léxico desse idioma. O vocabulário, composto de 354 palavras, de 20 expressões e de mais um conjunto de numerais (cf. apêndices 1, 2 e 3), cuja escolha foi aleatória, foi a base principal para a realização da análise feita no decorrer desta pesquisa. A informante foi uma nativa da Guiné-Bissau, recém-formada em Administração pela Universidade de Brasília, A.F.N., de 23 anos.

A dissertação está dividida em quatro capítulos, a serem descritos logo em seqüência.

No capítulo 1, intitulado *A língua fula e seu povo*, abordam-se informações territoriais, culturais e lingüísticas que envolvem a língua. Fala-se, rapidamente, sobre a Guiné-Bissau, País onde é falada a variante de fula deste trabalho; sobre as características da etnia fula:

os povos que a integram, bem como também um pouco de sua história; sobre a língua em si, detalhando sua família lingüística e o fato de ser um idioma espalhado pelo continente africano.

No capítulo 2, *O Sistema vocálico do fula guineense*, trata-se das vogais que se apresentam nesse idioma. Há a classificação básica dessas vogais, acompanhadas dos devidos exemplos de palavras da língua. Também são detalhadas as vogais nasais.

O sistema consonantal do fula guineense é o título do capítulo 3, em que se apresenta um levantamento das consoantes que existem na língua fula da Guiné-Bissau tanto no nível fonético quanto fonológico.

Por fim, no capítulo 4, cujo título é *Os padrões silábicos da língua fula guineense*, são analisados conceitos sobre a sílaba em geral, sua formação e classificação. São abordados, ainda, os ditongos, seu conceito e a posição da vogal silábica e da vogal assilábica na sílaba.

CAPÍTULO 1

A LÍNGUA FULA E O SEU POVO

1.1- A nação da língua fula¹

A língua descrita no presente trabalho é a falada na Guiné-Bissau, uma ex-colônia de Portugal localizada na África Ocidental. Esse País se limita a Norte com o Senegal, a Sudeste com a República da Guiné e a Oeste com o oceano Atlântico. O território inclui o arquipélago de Bijagós e outras ilhas. A superfície total é de 36.126 km².

A população é, em sua maioria, composta de negros do grupo sudanês, subdivididos em vários grupos tribais. Na faixa litorânea, destacam-se os balantas, os pepéis e outros grupos agrícolas menores. No interior, têm mais relevo os fulas, ou fulani, grupo seminômade e dedicado à criação de gado, assim como ao comércio; aparecem ainda os agricultores do grupo mandingo, igualmente numerosos.

Cada tribo fala sua própria língua, dividida em dialetos. A língua oficial é o português, mas a língua mais difundida é o crioulo de base portuguesa. Os grupos do litoral mantêm seus rituais tradicionais, fazendo com que tenham mantido a tradição animista de visão de mundo. Já a maioria das tribos do interior teve grande influência maometana, tendo como resultado um grande número de adeptos do islamismo entre eles.

¹ Os dados geográficos apresentados neste capítulo foram extraídos das Enciclopédias *Verbo*, *Barsa*, *Ethnologue*, além de *O Atlas das Línguas*, edição portuguesa.

Couto (1996) afirma que a Guiné-Bissau é uma nação cujo panorama lingüístico é bastante complexo. Isso porque é um País em que a população não chegaria a um milhão de habitantes, mas, em tão pequeno e pouco populoso território, há a convivência sincrônica de aproximadamente 20 línguas. Isso faz com que haja, em várias etnias, indivíduos bilíngües ou multilíngües. Segundo estatísticas recolhidas no ano de 1979 (cf. COUTO: 1996, p.69-70), a porcentagem da distribuição de falantes monolíngües e bilíngües na Guiné-Bissau é a seguinte:

Tabela 1- Porcentagem de falantes na Guiné-Bissau falantes de uma ou mais línguas

Línguas Falantes monolíngües

Fula	16%
Balanta	14%
Mandinga	7%
Manjaco	5%
Papel	3%
Felupe	1%
Beafada	0.7%
Bijagó	0.5%
Mancanha	0.3%
Nalu	0.1%

Línguas Falantes Bilíngües

Balanta	25%
Fula	20%
Mandinga	10%
Manjaco	8%

1.2- A etnia fula

Segundo a *Verbo Enciclopédia* (1969), o fula é um povo que ocupa boa parte da África Ocidental entre o Senegal e o Níger, incluindo a Guiné Portuguesa (hoje, Guiné-Bissau), onde viviam cerca de 108.402 pessoas em 1965. Todavia, há números mais atualizados quanto à população fula na Guiné-Bissau, ainda que decerto não tão atuais, considerando que os dados do censo nesse País não são revistos com frequência análoga à praticada no Brasil. Segundo a *Ethnologue*, em 1986 havia um número de fulas no citado País em torno de 169.600, constituindo cerca de 20% da população.

A palavra *fula* provém de *pullo* (pl. *ful-bé*), que significa *castanho claro*, a cor da pele do povo. Essa denominação nasce em oposição à cor negra dos *jolofo*s e *yolofo*s, povo vizinho. Sobre a origem da etnia fula, há teorias diversas. Algumas a ligam aos ciganos da Boémia, penetrados na África por meio da Síria e do Egito, outras a pelégios da Grécia, outras ainda aos gauleses da Galácia (Ancara, atual Turquia asiática). Outras os associam a pastores nômades, comerciantes e pessoas que viviam da agropecuária ao longo do oeste da África.

Ainda quanto à origem desse povo, os povos árabes, que tiveram contato com os fulas devido à característica nômade de ambos os povos, realizaram estudos e acreditam que os africanos em questão existem há mais de mil anos. E peritos no assunto, tanto cientistas da lingüística histórica europeia quanto historiadores, acrescentam que o mais provável é que os fulas se originaram em uma região que, atualmente, é ocupada pelo norte do Senegal. Sendo assim, eles teriam, teoricamente, partido dessa região com seu gado e, subsequente, ocupado a área que compreende as regiões do Sahel – uma região africana que se localiza entre o

deserto do Saara e as primeiras regiões mais férteis ao Sul, abrangendo desde o Senegal até a Somália – e das savanas do Oeste da África, entrando em contato com outros povos já existentes nesses locais, todos com uma denominação específica: Fulve, Jelgova, Gurma, Gorgave, Fellata, Fula, Fullakunda, Bororos, Vodaabe, Peul, Pulaar, Halpulaar, Liptaako, Toucouleur e Tukolor.

Tal situação é, certamente, uma das causas de esse povo, assim como sua língua, estarem espalhados por todo o Oeste africano, na região do Atlântico. Os fulas, devido a tal expansão, ocupam hoje uma área maior que a dos Estados Unidos continentais e da Europa Ocidental.

O fula é um povo que, em alguns dos seus hábitos e tradições, possui comportamentos semelhantes ao dos semitas árabes. Conseqüentemente, há uma inevitável ligação concernente a aspectos culturais dessa etnia africana com os povos do atual Oriente Médio. Esta associação, em virtude de um possível contato com os árabes, evidencia-se ao se observar que os referidos povos asiáticos são populações de espírito voltado para o comércio e religiões afins. Cabe, provavelmente, ao contato com os árabes, por exemplo, a natureza nômade que os fulas apresentam. Isso pode ser comprovado com o grande número de países em que estes estão presentes, atravessando toda a África Ocidental e chegando até outras nações não-pertencentes a essa localidade do continente.

Muitos fulas de hoje se dizem descendentes de árabes ou da mistura de árabes e mouros com negros, devendo esta idéia datar do período da islamização dos negros da África Ocidental. A parte que ocupa a Guiné Portuguesa compreende os fulas forros, que se dizem mais

puros; os fula-fulas, produto do cruzamento dos fulas vindos de Maciná – região da Mauritânia – com sossos e jaloncas – duas etnias também localizadas nesse país – e fulas pretos ou fulas cativos, provindos de antigos cativos de fulas forros e de fula-fulas cruzados com muitas outras etnias: mandingas, beafadas, conhaguis, tandas, landumás.

Tal qual já foi afirmado anteriormente, o povo fula encontra-se espalhado por toda a África Ocidental. E um dos países onde se destaca a existência desse povo é o Senegal, onde essa etnia recebe a denominação de *peul*, palavra essa de base francesa, língua oficial dessa nação africana, e, outrora já citado, País no qual muitos estudiosos acreditam estar a origem desse povo.

Conforme a *Grande Enciclopédia Larousse Cultural*, o grupo dos peúles constituiu-se talvez no vale do Senegal durante a alta Idade Média. Mais bem conhecidos a partir do Século XV, os peúles dispersaram-se progressivamente em direção ao sul e ao leste. No Século XVI, no alto vale do Senegal, mesclaram-se aos malinkés, uma etnia pertencente à região do Senegal; nos Séculos XVII-XVIII, com os bambaras da região de Maciná. Na Guiné (região do Futa-Djalón), os peúles islamizados desencadearam uma guerra santa no Século XVIII. O País, depois de sua vitória, foi organizado em um reino teocrático, como se faz coerente a muitas nações islâmicas pelo mundo até os dias de hoje.

1.3- A etnia fula no Brasil

De acordo com Rodrigues² (2004), quando se trata de negros no Brasil, é preciso analisar a história de uma das etnias que aqui existem desde a época da escravidão. Isso porque, ainda segundo o autor, a raça negra incorporou-se à população brasileira de maneira marcante, além de ter havido grande mestiçagem entre eles e demais elementos raciais que já habitavam o País.

E, em mais específico, então, interessa para o momento a questão dos negros maometanos no Brasil, considerando a devoção dos fulas à religião do profeta Muhammad Bin Abdullah, chamado Maomé no Ocidente.

Acredita-se que, ainda segundo Rodrigues, os fulás ou fulbi (plural de fulo ou pulo), ou não vieram para a América todos como escravos ou vieram em número muito reduzido. Isso em se tratando mais em específico dos Estados Unidos e das Antilhas. No Brasil, há registros de que não só os fulas verdadeiros como os mestiços foram trazidos ao País como escravos. Ambos vieram ao País por meio de procedências distintas.

Os portugueses introduziram esses africanos no Brasil sob a denominação de *pretos-fulos*, para distinguir dos *fula-fulas*, isto é, dos *fulás* puros ou verdadeiramente fulás, mestiços fulbi provenientes do Senegâmbia, da Guiné Portuguesa – hoje Guiné-Bissau – e costas adjacentes. Esses mestiços provinham do cruzamento dos negros da Senagâmbia com os peuls ou fulbi.

² Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906) foi médico e antropólogo maranhense, autor do livro *Os Africanos no Brasil*, livro que ganhou nova edição em 2004 pela Editora UnB.

Assim, devem ter vindo para o Brasil e de época bem remota, procedentes da Senagâmbia, os mestiços de fulás com os mandingas, que os portugueses chamavam *pretos-fulos*; e os franceses, *toucouleurs*.

1.4- A língua fula – um idioma espalhado pela África

Segundo Noss (1979), a língua fula moveu-se com seus falantes ao longo da costa Oeste da África, abrangendo, entre outros países, Senegal e Gâmbia, mas também nações um pouco mais afastadas, tais quais Chade e República Centro Africana. Ainda pelas palavras do autor, essa língua possui uma nomenclatura diversa entre os seus nativos, que se apresentam como Fulfude, Fulani, Peul ou Poular.

A princípio, o termo *fulfudi* era usado na função de *trade language* (HALL, 1966) ou também *língua franca*, expressões que ganharam prestígio devido ao fato de os povos falantes do fula estarem sempre em constante movimento pelas regiões da África, aproximando-os aos beduínos árabes. Em suma, ambos os povos tinham natureza nômade e viviam do comércio.

Isso pode explicar o fato de essa língua ser falada em tantos países. De acordo com os estudos de Noss, o fula conseguiu, ainda, chegar às regiões Norte e Central de Camarões, fixando-se em definitivo por lá. Esse processo deu-se nos Séculos XVIII e XIX, e as áreas citadas anteriormente foram dominadas pelos fulas e transformadas em espécies de emirados.

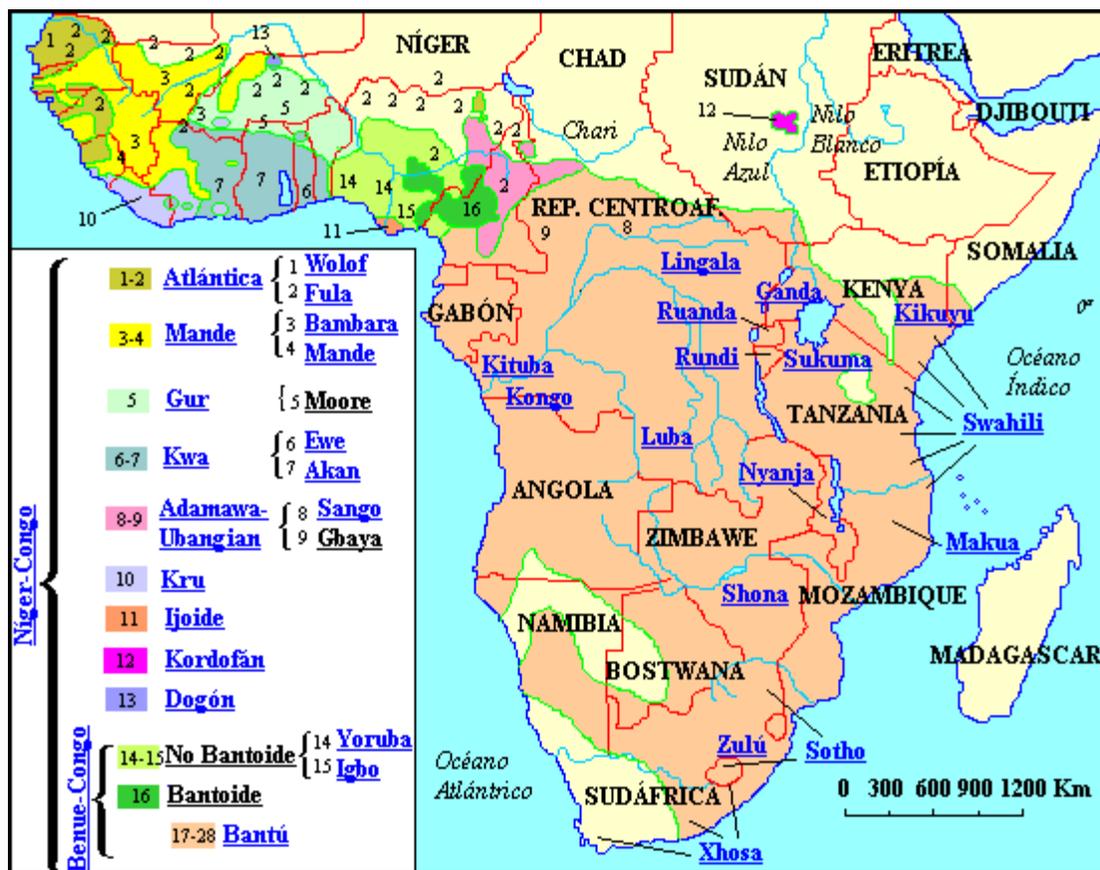
Lingüisticamente falando, a região, assim como toda a África, é bastante heterogênea, e os povos lá existentes tinham línguas próprias e ininteligíveis entre si. Dessa

forma, o fula tornou-se a língua de comunicação entre as etnias do Norte e Centro de Camarões, o que conferiu a este idioma uma condição hierárquica forte na área.

Conforme *O Atlas das Línguas – Edição Portuguesa*, já em contextos lingüísticos, o fula faz parte de uma família de línguas denominada *congo-cordofaniana*, que é dominante na chamada África sub-saariana, e conta com mais de 10 milhões de falantes. O ramo citado faz parte de um grupo ainda maior de línguas, o *níger-congo*, que possui um total de mais de 200 milhões de falantes e mais de 900 línguas, das quais apenas as mais faladas são conhecidas. Os subgrupos espalharam-se do Centro e Sul do continente africano (Benué-Congo), em direção à Costa Ocidental da África (Kwa) e à Costa Atlântica (Atlântico), depois recuaram para o extremo do Saara (Mande, Gur e Adamauano). Finalmente, existe um grupo isolado a Leste, denominado Cordofaniano, ao qual pertence o fula e suas possíveis variações³. O mapa a seguir ilustra parte do continente africano e algumas de suas principais áreas lingüísticas, havendo destaque central para a região do Oeste africano, a chamada Costa Atlântica, na qual está o fula guineense e todas as suas variações, abarcando um grande número de nações.

³ Noss (1979, p. 174) afirma que a língua fula, ao longo de toda a sua área de abrangência, na África, é falada de várias formas. Em seus estudos, ele descreve, inclusive, um processo de criouliização pelo qual o idioma passa.

Mapa 1 – Distribuição lingüística da costa oeste africana



Fonte: www.proel.org/mundo/fulani.htm

Observa-se a incidência dos falantes de fula indicada pelo numeral 2. Percebe-se um grande número principalmente na Nigéria e no Níger, que são nações de grande área territorial, bem como em número de habitantes. Na Guiné-Bissau, atualmente, os fulas integram cerca de 22% da população total.

Metade dos falantes do Níger-Congo pertence ao subgrupo banto do Benué-Congo, que cobre uma grande parte da África Central e do Sul, e muitas das línguas que o

compõem têm a importância de línguas nacionais. Todavia, poucas são faladas por um grande número de pessoas.

Os falantes do fula encontram-se por toda a África Ocidental, no ramo Atlântico do Níger-Congo não-banto, juntamente com os falantes do akan (de Gana), ioruba e ibo (ambos da Nigéria), essas últimas da ramificação kwa. Duas das principais concentrações de povos fulas encontram-se a leste da Nigéria e nos Camarões, além do já citado Senegal. Sobretudo na Nigéria, há uma grande quantidade de fulas considerando a grande população do país, estimada hoje em cerca de 120 milhões de habitantes.

Ressalta-se a importância desta pesquisa, tendo em vista a pouca descrição da língua existente na literatura, principalmente nas academias brasileiras, e em virtude, sobretudo, da ausência de estudos fonológicos.

CAPÍTULO 2

O MÉTODO DA PESQUISA

2.1- O contato inicial com a informante dos dados

O primeiro passo para a realização desta dissertação foi o contato com um informante guineense e falante nativo da língua fula que, preferencialmente, estudasse na Universidade de Brasília. Foi encontrada para tal uma estudante de Administração da referida instituição, residente no Brasil há seis anos, A.F.N., 23.

A estudante é oriunda de uma família de contexto social privilegiado em seu país. Ela, na Guiné-Bissau, era habitante da zona urbana e usava o fula mais em contextos familiares. Os códigos mais utilizados por ela nas demais situações eram o português e o crioulo português. Em Brasília, ela fala o fula basicamente com seus dois irmãos mais novos, residentes também nesta cidade. Mas destacamos que eles não têm a mesma fluência nessa língua que a irmã.

No primeiro encontro com a informante, domiciliada na Asa Norte de Brasília, onde divide um apartamento alugado com os seus dois irmãos, foi explicado o trabalho em andamento, que consiste em uma descrição fonológica de sua língua nativa, o fula. Ainda foi dito que toda a dissertação seria baseada a partir de uma coleta de palavras gravadas para que pudessem ser analisados os sons que existem na língua, e essas palavras seriam ditadas por ela.

Houve, então, uma seqüência de quatro encontros em 2005, para gravação do vocabulário inicial, e mais três em 2007, para complementação do vocabulário a fim de identificarem-se fatores de ordem fonético-fonológica a serem descritos na dissertação. Destaca-se que a informante era previamente consultada sobre sua disponibilidade para a gravação das palavras e, feito o acordo do encontro, marcava-se o local para o registro do vocabulário.

Em um primeiro momento, a informante cedia palavras aleatoriamente, com o coletor pedindo para que ela traduzisse para o fula a palavra em português dita por ele. Em outro tipo de abordagem, pedia-se a ela que dissesse palavras que pudessem montar pares mínimos com as palavras ditas por ela inicialmente. Era explicitado que ela dissesse vocábulos parecidos entre si, com diferença de apenas um som ou traço, tal qual em português ocorre com “faca” e “vaca”. Assim, foi possível a obtenção desse pares em fula.

O *corpus* de base para a dissertação foi o levantamento lexical, visto que, a partir de um vocabulário pré-selecionado, e de comparações feitas entre eles, pode-se entender com mais precisão as estruturas fonético-fonológicas da palavra e, assim, apresentar os sons que existem e as composições silábicas que podem aparecer.

2.2- O método de trabalho

Conseguidos os dados, o foco das atividades a serem desenvolvidas foi a identificação e a caracterização dos sons existentes na língua fula. Passou, então, a um trabalho de natureza auditiva, com a transcrição fonética das palavras cedidas pela informante e que estavam gravadas numa fita cassete.

Depois de todo o registro dos sons, foram feitos dois quadros no nível fonético: o de vocóides e o de contóides. Identificados todos esses sons, partiu-se para o apontamento dos alofones vocálicos em um quadro e os consonantais em outro, com os devidos fatores condicionantes para a ocorrência desses sons e os seus traços característicos.

A seguir, explorou-se o campo da fonologia, com o registro de pares mínimos que pudessem comprovar quais seriam, de fato, os fonemas da língua fula. Há quadros comparativos que trazem amostra de vocábulos que formam esses pares e quais os sons que os compõem. Destaca-se que se coletaram pares mínimos tanto vocálicos (orais e nasais) quanto consonantais.

Por fim, a identificação dos padrões silábicos. Fez-se uma observação de quais poderiam ser os pares existentes e qual a frequência de cada um deles. O trabalho não trouxe dados percentuais exatos, mas sim exemplos e conclusões tiradas a partir do próprio *corpus* desta dissertação. Foi plenamente possível perceber, ao longo de toda a procura em meio aos vocábulos, os padrões mais encontrados, bem como os menos ocorrentes.

CAPÍTULO 3

O SISTEMA VOCÁLICO DO FULA GUINEENSE

3.1- Considerações gerais

O fula dispõe de vogais orais e nasais. O seu sistema vocálico apresenta, com grande grau de frequência, as vogais *i*, *a* e *u*, que, segundo Schane (1975), são encontradas na maior parte das línguas existentes no planeta. Em outras palavras, as referidas vogais são tão comuns que o autor as denomina como o *padrão trivocálico básico*. Na língua fula, essas vogais aparecem em todas as condições estruturais silábicas possíveis, além de poder exercer funções de tônica, pré-tônica e pós-tônica final ou não.

Quadro 3.1- Quadro fonético de vocóides orais e nasais

	anterior		central		posterior	
	arred	não-arred	arred	não-arred	arred	não-arred
alta		i ĩ ɪ			u ũ ʊ	
médio-alta		e ě		ə	o õ	
médio-baixa		ɛ			ɔ	
baixa				a ã		

Desse quadro, considera-se que os sons [ə], [ɪ], [ʊ] são alofones de /a/, /i/ e /u/ respectivamente quando ocupam a sílaba átona final. Isso é observado em ['dʒewmə] 'noite', [ko'hɛfə] 'resultado', [su'karə] 'açúcar'; ['gãdɪ] 'cérebro', ['kɔɪ] 'dedo'; ['lewɾʊ] 'lua', ['lõbʊ]

'inserir', ['sudu] 'sala'. Em nenhum outro contexto, observou-se a realização de [ə], [ɪ], [ʊ], não sendo, portanto, fonemas na língua.

Assim, o quadro fonológico do fula é composto por sete vogais orais e por cinco nasais. Como em qualquer língua, alguns segmentos apresentam maior recorrência do que outros.

Quadro 3.2 – Quadro fonológico dos vocóides

	anterior		central		posterior	
	arred	não-arred	arred	não-arred	arred	não-arred
alta		i ĩ			u ũ	
médio-alta		e ě			o õ	
médio-baixa		ɛ			ɔ	
baixa				a ã		

3.2- Os vocóides orais do fula guineense

A seguir, apresenta-se uma lista de pares mínimos e análogos a fim de comprovar a natureza fonológica das vogais orais apresentadas no quadro 3.2:

Quadro 3.3 – Pares mínimos e análogos de vocóides

[a] e [e]	['lako]	alho	['leko]	cebola
[a] e [u]	[ta'lõne]	banheiro	[tu'lãne]	coberta
[a] e [i]	[lage're]	calor	[lige're]	ordem
[e] e [o]	[u'made]	cheirar	[u'mado]	recolher
[e] e [ɛ]	['jebe]	treinar	['jebe]	falar
[i] e [o]	[hi'pude]	cobrir	[ho'pudo]	direcionar
[o] e [e]	['høkə]	dar	[hekə]	denunciar
[o] e [ɔ]	['bɔdʒɪ]	lágrima	['bɔdʒɪ]	alvo
[u] e [i]	['kudo]	colher	['kido]	indicar

Assim, considera-se o quadro 3.2 acima o sistema vocálico oral do fula – que é o sistema básico de vários idiomas encontrados na região oeste atlântica da África –, composto por uma vogal central /a/, com duas médio-altas /e, o/ e duas médio-baixas /ɛ, ɔ/, acrescentando-se uma alta anterior /i/ e uma alta posterior /u/. Percebe-se semelhante estruturação vocálica também na língua portuguesa e no crioulo de base portuguesa que são falados na Guiné-Bissau. No ramo atlântico do grupo cordofaniano, no qual se insere o fula, também há outras línguas que apresentam sistema vocálico análogo.

A frequência das sete vogais não é idêntica. Há menor ocorrência das vogais médio-baixas. Estas, mesmo em sílabas tônicas, não aparecem com tanta frequência quanto as vogais altas. A seguir, expõe-se um quadro demonstrativo com os sons vocálicos mais comuns na

língua fula da Guiné-Bissau. Buscou-se, na medida do possível, exemplificar a ocorrência das vogais em contextos tônicos, pré-tônicos e pós-tônicos.

Quadro 3.4 - Vocóides mais recorrentes

/a/	
/al'dʒuma/	sexta-feira
/'mama/	avó
/'dʒaldʒa/	irmã
/'nawna/	doença
/'ĩna/	cadeira
/e/	
/kale'rã/	cassarola
/dẽ'dela/	mosquito
/pe'dali/	unha
/'buse/	perna
/ta'lõne/	banheiro
/i/	
/li'il/	pombo
/'fina/	acordar
/se'hil/	amigo

/a'fêni/	pegar
/li'pugol/	vestir
/o/	
/'hore/	cabeça
/i'loul/	lago
/mo'tugol/	conservação
/'hedo/	barriga
/'hunuko/	boca
/u/	
/bu'tu/	colchão
/le'bugol/	comprar
/fu'gõ/	fogão
/po'baru/	pimenta
/'tʃezu/	primavera

Vistos os quadros, percebe-se que o posicionamento em que se encontram as vogais dentro da palavra pode variar naturalmente, com elas podendo ocupar todos os pontos previsíveis dentro dos vocábulos: pré-tônica, tônica e pós-tônica.

As vogais médio-baixas /ɛ, ɔ/ são de menor ocorrência, porém não raras. O quadro

3.5 a seguir ilustra palavras contendo tais sons:

Quadro 3.5- Vocóides médio-baixos

/ɛ/	
/'wɛlo/	bicicleta
/i'neɣe/	cobra
/wa'dɛ/	rio
/ɔ/	
/'ɔto/	carro
/'bɔli/	prato

Ao contrário do que acontece com as vogais /a/, /e/, /o/, /i/ e /u/, as médio-baixas /ɛ/ e /ɔ/ apresentam previsibilidade, pois aparecem apenas na condição de vogal tônica da palavra, o que justifica sua menor frequência, citada anteriormente. Ressalta-se, ainda, que os fonemas /ɛ, ɔ/ não são alofones das vogais /e, o/, respectivamente, pois se podem encontrar, mediante o contraste em ambiente análogo (CAA), pares que comprovam que /ɛ, ɔ/ não são alofones de /e, o/, mas sim fonemas distintos (cf. quadro 3.3).

3.3- Os vocóides nasais no fula guineense

De acordo com Silva (1999), as vogais nasais são sons produzidos com o abaixamento do véu palatino, permitindo que o ar avance à cavidade nasal. Isso provoca determinadas mudanças na configuração da cavidade bucal e, devido a essa alteração, a natureza das vogais, agora nasais, torna-se diferente daquilo que se observa nas vogais orais correspondentes.

É um fenômeno fonético bastante presente em vários conjuntos de línguas existentes no mundo. Tanto que, segundo Ladefoged e Maddieson (2000), a nasalização é a característica secundária de maior ocorrência das vogais. Ainda conforme esses mesmos autores, uma em cada cinco línguas apresenta esse tipo de marca.

O fula guineense também apresenta vogais nasais. Elas totalizam cinco: /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/. A seguir, apresentam-se pares mínimos, que opõem as vogais nasais às orais.

Quadro 3.6 – Pares mínimos vocóide nasal x vocóide oral

[ã] e [a]	['dãki] [kale'rã] [ta]	cama cassarola somente	['daki] [kale'ra] [ta]	ferro gesto quase
[ẽ] e [e]	['ẽdo]	vento	['edo]	carrapato
[ĩ] e [i]	[wĩ'dugol]	sentar	[wi'dugol]	pegar
[õ] e [o]	['bõde]	cavalo	['bode]	dúvida

	['kõdɨ]	pó	['kodɨ]	raio
	['lõbɨ]	inserir	['lobɨ]	razão
	['sõdu]	pássaro	['sodu]	faísca
	[to]	lá	[to]	sério
[ũ] e [u]	[da'bũde]	conforto	[da'bude]	inverno
	['gũzo]	piscar	['guzo]	pausa

Deve-se observar, com os exemplos dados, se o caráter da nasalização das vogais é fonético ou fonêmico. A nasalização considerar-se-á fonética se for condicionada pelo ambiente estrutural da palavra da qual faz parte. Tal situação será desconsiderada em caso de haver pares mínimos. Cabe, ainda, destacar que há diferenças entre nasalização e nasalidade. No primeiro, é obrigatória a ocorrência da vogal nasal, tal qual se verifica na língua portuguesa, na qual se pode perceber ['fa] 'nota musical' e ['fã] 'admirador', tratando-se, nesse último caso, de vogal nasal apresentando caráter fonêmico. No segundo, a realização da vogal nasal condicionar-se-á aos dialetos, isso porque a realização ou não do referido som não provocará mudanças de significado na palavra, como se observa em p[a]nela ou p[ã]nela. Nesse caso, a nasalidade da vogal tem apenas caráter fonético.

Alguns lingüistas defendem a tese de que as vogais nasais são alofones das vogais orais. Callou & Leite (2005) afirmam que as vogais nasais podem ser interpretadas como variantes não distintas das suas correspondentes orais, concretizando-se um fato lingüístico em que a vogal vem seguida de arquifonema consonântico. Afirmam ainda as autoras que, no Brasil,

o grande defensor dessa teoria é Mattoso Camara (1953). Ele, segundo as estudiosas, diz que se deve procurar o traço distintivo na constituição da sílaba: a vogal nasal seria entendida como um grupo de dois fonemas que se combinam na sílaba (vogal + elemento consonântico nasal). Todavia, há outros autores que se posicionam contrariamente, defendendo que as vogais nasais são fonemas distintos.

Como em grande número de línguas do oeste da África, no fula as vogais nasais terão o chamado *status* fonêmico, uma vez que poderemos encontrar contrastes com as vogais orais em pares mínimos, comprovando, assim, o efeito distintivo que a nasalização pode causar. Não há indícios que levem a considerar a nasalidade das vogais como sendo de natureza contextual, sendo-lhes, portanto, intrínseca.

A seguir, apresentam-se exemplos de vogais nasais. Buscou-se verificar possível restrição quanto à sua ocorrência em sílabas pré-tônicas, tônicas e pós-tônicas.

Quadro 3.7 – Vocóides nasais

/ã/	
/dʒã'dugol/	crescer
/'bãdo/	corpo
/'dãki/	cama
/'tãde/	calçada
/'siã/	cadeira

/ē/	
/dē'dela/	mosquito
/'hēsi 'hāki/	anteontem
/i'gōnē i dʒã/	adeus
/ĩ/	
/hĩ'tāde/	ano
/wĩ'dugol/	sentar
/'ĩna/	mãe
/'kĩna/	nariz
/õ/	
/hõ'tore/	cesta
/jõ'tore/	semana
/'bõde/	cavalo
/fu'gõ/	fogão
/ũ/	
/kũ'baro/	galinha
/'gũzo/	piscar
/ĩ'dũgol/	verão (estação do ano)

/su'kũdo/	cabelo
-----------	--------

Conforme o quadro 3.7, há nasais que não ocorrem em todas as posições silábicas possíveis. Os fonemas /ã e /ẽ/ podem aparecer em sílaba tônica, pré-tônica ou pós-tônica. Todavia /ĩ/, /õ/ e /ũ/ apresentam restrições: eles não são encontrados na posição pós-tônica, ao menos no *corpus* apurado.

CAPÍTULO 4

O SISTEMA CONSONANTAL DO FULA GUINEENSE

4.1- Noções sobre sons consonantais

Conforme a língua a ser analisada, encontra-se uma frequência maior ou menor de articulações consonantais. Tal qual os idiomas que hoje são conhecidos, o fula guineense é composto, em maioria, de sons consonantais.

Ressalta-se, ainda, que a produção desses sons, bem como sua localização, dá-se na margem da sílaba, e não no núcleo. Tal fenômeno é bastante comum em muitos idiomas, senão a maioria. Também quanto à duração, os sons consonantais são de menor duração que os sons vocálicos.

4.2- Estruturação consonântica da língua fula

No quadro a seguir, apresentam-se os 22 fones consonantais encontrados no fula da Guiné-Bissau.

Quadro 4.1 – Quadro fonético dos contóides da língua fula

	Bilabial	Lábio-dental	Dental	Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar	Glotal
oclusiva	p b ^m b			t d			k g	ʔ
africada					tʃ dʒ			
fricativa		f		s z	ʃ ʒ			h
tepe				r				
nasal	m	ɱ	n			ɲ		
lateral				l				

Destaca-se, em relação ao quadro acima, a existência de sons condicionados pelo ambiente de ocorrência. Os dados [ʔmbāba] 'burro' e [ʔmbōde] 'cavalo' mostram que o fone [mb] só é registrado antes de vogais nasais. Outro caso é de [ɱ], que ocorre sempre antes da fricativa labiodental surda [f], como acontece em [ʔɱfala] 'ouvir' e [ʔɱfēni] 'querer'. Pode-se afirmar, ainda, que ambos os fones ocorrem somente em sílaba tônica. A oclusiva glotal, representada por [ʔ], ocorre apenas antecedendo os destacados sons.

Logo, [mb], [ɱ] e [ʔ] não são fonemas. O primeiro é um alofone do fonema /b/, condicionado pela vogal nasal em sílaba tônica. O segundo é um alofone de /f/, que também

ocorre apenas em sílaba tônica, quando esta tem como núcleo /a/ e /ẽ/, após silêncio. Finalmente, o fone [ʔ] está condicionado à ocorrência desses alofones, exclusivamente.

Assim, o quadro fonológico consonantal da língua será composto de 19 fonemas, apresentados no quadro abaixo:

Quadro 4.2 – Quadro fonológico de contóides

	Bilabial	Lábio-dental	Dental	Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	p b			t d			k g	
Africada					tʃ dʒ			
Fricativa		f		s z	ʃ ʒ			h
Tepe				r				
Nasal	m		n			ɲ		
Lateral				l				

Os pares mínimos subseqüentes demonstram a condição fonológica dos sons destacados no quadro 4.2:

Quadro 4.3- Pares mínimos fonológicos

[p] e [b]	[pul]	esfera	[bul]	lençol
[t] e [d]	['tãde]	calçada	['dãde]	justo
[k] e [g]	[ba'kagol]	alteração	[ba'gagol]	maçã
[tʃ] e [dʒ]	[ɾ'tʃã]	lagarto	[ɾ'dʒã]	água
[s] e [z]	['sapo]	dez	['zapo]	espaço
[ʃ] e [ʒ]	[ʃa'kude]	círculo	[ʒa'kude]	protetor
[r] e [l]	[ta'rõne]	construção	[ta'lõne]	banheiro
[b] e [m]	['bato]	barco	['maro]	arroz
[d] e [h]	['dãkɾ]	cama	['hãkɾ]	ontem
[m] e [n]	['mamə]	avó	[ma'na]	exemplo
[n] e [ɲ]	['dãne]	justo	['gãɲe]	ferir
[n] e [d]	['nile]	dente	['dile]	jarro

Comprovada a condição de sons fonológicos dos elementos supracitados, segue agora um quadro com exemplos dos sons consonantais e suas possíveis posições de ocorrência nas palavras com relação à tonicidade: sílaba pré-tônica, tônica e pós-tônica.

Quadro 4.4 – Ocorrência dos fonemas consonantais

/p/	/'pare/ /po'baro/ /'sapo i 'go/	sapato pimenta onze
/b/	/'bao/ /'bu'tu/ /a'larba/	costas colchão quarta-feira
/t/	/'toro/ /ta'lata/ /'gujte/	chuva terça-feira olho
/d/	/'debo/ /da'nagol/ /'dede/	mulher dormir cozinhar
/k/	/ja'kule/ /'kike'de/ /'dāki/	mastigar tarde cama
/g/	/'gāda/ /gol'golal/ /fej'dugol/	cérebro maxilar adição
/f ⁴ /	/'fina/	acordar de manhã cedo

⁴ No sistema consonantal do fula, a tendência de para cada som surdo haver um sonoro é quebrada por não haver o par mínimo /f/ - /v/.

	/fa' dʒiri/ /'lefi 'sapo/	dez milhões
/s/	/sukũdu/ /sur'tĩde/ /'hěsi 'hāki/	cabelo vapor anteontem
/z/	/'zazi/ /zě'gal/	nervo língua
/ʃ/	/ 'ʃie 'hore/ / ʃi'e/	crânio esqueleto
/ʒ/	/ʒa'kude/ /ʒi'mil/	elefante bonito
/h/	/'hunuko/ /'hade/	boca antes
/ɾ/	/'si rã/ /'lo ro/	cadeira banho
/l/	/wa'lu/ /'la'rane/ /'uli/	ajuda olhar medo
/m/	/'mama/ /'mo'tirde 'gole/	avó arquivo eu

	/mi/	
/n/	/'nage/ /na'ãge ho'ore/ /'dane/	sol meio-dia garganta
/ɲ/	/'ɲa'mawni/ /'gãɲe/	comer ferir
/tʃ/	/'tʃɔgi/ /'tʃo'dīdi/	cabra farinha
/dʒ/	/'dʒude/ /'dʒã'dugol/ /'dʒaldʒa/	mão/braço crescer irmã

Destaca-se, à parte, os casos de /w/ e /y/, que, fonologicamente, apresentam *status* vocálico e são formadores de ditongos na língua, sempre representando a vogal. Em palavras como /'warga/ 'chá' e /'jarga/ 'montanha', precedem a vogal silábica, formando o ditongo crescente. Já nos dados /kew'ēdi/ 'quantia' e /uj'nere/ 'mil', estão pospostos à vogal tônica, formando o ditongo decrescente, assunto a ser abordado no próximo capítulo.

CAPÍTULO 5

OS PADRÕES SILÁBICOS DA LÍNGUA FULA GUINEENSE

5.1 - A sílaba

Segundo Gaya (1988), pode-se entender a sílaba como a constituição sonora de uma cadeia que não é interrompida até chegar a uma pausa. O autor defende que, devido à grande importância da constituição silábica nas línguas, nas origens do emprego da escrita fonética, os signos eram representados por sílabas, e não por fonemas. Em outras palavras, o sistema de signos gráficos de um idioma não era baseado em um abecedário, mas sim em um silabário.

Os trabalhos de fonologistas evidenciam que a definição de sílaba não consiste em algo simples, assim como expor com exatidão os limites precisos que separam uma sílaba em cada caso de sílabas contíguas. Com isso, a análise de padrões silábicos aqui desenvolvida centra-se na identificação dos mais produtivos tipos silábicos existentes na língua fula da Guiné-Bissau, exemplificados com palavras extraídas do *corpus* base e baseados na análise fonológica de vogais e consoantes, apresentada nos capítulos anteriores.

5.2- Componentes e classificação das sílabas

Segundo Weiss (1988), as sílabas apresentam dois componentes em sua estrutura: o *núcleo*, que também pode chamar-se *ápice* ou *crista*; e a *margem*, igualmente denominada *fronteira*. Constitui parte integrante da sílaba o núcleo, sendo a margem facultativa. A autora propõe o que afirma ser a *fórmula da sílaba*:

(+ ou -) margem + núcleo (+ ou -) margem

Pode-se perceber que a margem se configura como elemento alternante, visto que sua presença na composição da estrutura silábica não é essencial, a depender da palavra. Na língua fula, o núcleo silábico sempre será uma vogal, como se pode ver nos exemplos a seguir:

a) /ber.'dɛ/ “cemitério”, em que, na sílaba inicial, destaca-se *e* como núcleo, sendo margens, *b* e *r*; enquanto na segunda sílaba *ɛ* é o núcleo e *d* é a margem.

Na área terminológica da constituição silábica, pode-se ainda acrescentar que as consoantes formadoras do constituinte silábico podem receber outras denominações. Em precedendo a vogal, chamar-se-ão também *active* ou *onset*; em sucedendo, *coda*. Chama-se *rima* a junção *núcleo-coda*, tratamento proposto pela fonologia métrica por esta considerar o agrupamento *núcleo-coda* mais relevante que o *onset* para a fonologia das línguas. Por exemplo, o “Princípio da Projeção Rímica” (Principle of Rhyme Projection) prevê que o acento é

assinalado nas sílabas de acordo com a rima, sendo o *onset* ignorado nesse caso (CRYSTAL, 2003).⁵

Já quanto à classificação, a sílaba pode ser *aberta* (livre) ou *fechada* (travada). Esta é encerrada por um elemento consonantal, enquanto aquela, por um elemento vocálico. A língua fula apresenta os dois tipos silábicos, exemplificados abaixo:

a) /'ka.gal/ “coluna”, que apresenta uma primeira sílaba CV, portanto aberta; e uma segunda sílaba CVC, de natureza fechada;

b) /ĩ.'ga.ri/ “touro”, cuja constituição é V.CV.CV, seqüência de sílabas abertas.

Vale ressaltar que, na língua fula, a sílaba aberta é, em larga escala, a mais recorrente.

5.3 - Os padrões silábicos da língua fula guineense

As composições silábicas são CV, CVC e, em menor freqüência, V, VV e VC, sendo este último de baixíssima ocorrência. Abaixo, segue-se exemplificação dos padrões silábicos que há na língua, considerando as posições mais previsíveis que eles podem ocupar na palavra:

⁵ Infelizmente, ainda não foi possível se fazer uma análise refinada do padrão acentual do fula, embora se possa dizer, inicialmente, que o acento tônico cai, na maior parte das vezes, na penúltima sílaba.

Quadro 5.1 – Exemplos de padrões silábicos

V ⁶	/a.'lar.ba/ /a.sa.'mã/ /a.'set/ /e.'ko.ze/	quarta-feira céu sábado teste
CV ⁷	/'ba.to/ /'dʒu.de/ /'da.ne/ /'fe.'le.re/ /'ha.'ku.le/	barco mão/braço garganta óleo mediador
CVC	/le.'fol/ /mo.'tir.de/ /pe.'ku.gol/	um milhão arquivo divisão
VV	/maj.'aw/ /'oj.'dʒu.de/	eletrônica tossir
VC	/us.'tu.gol/	subtração

Conforme já visto, as sílabas do fula podem apresentar-se na forma fechada ou aberta. Essa língua possui em sua grande maioria o padrão CV, apresentando o acento simples, não havendo restrição a nenhuma consoante existente no idioma para ocupar tal posição.

5.4 - Os ditongos

Em seus estudos sobre fonologia, Couto (1994: 131) definiu ditongo como “a seqüência de duas vogais, uma constituindo o 'núcleo' (no sentido sintático) e a outra o 'adjunto' (também no sentido sintático), ou melhormente, uma constituindo 'head' (a vogal no sentido

⁶ O padrão V ocorre com maior freqüência na posição pré-tônica no fula.

⁷ CV é padrão de maior freqüência nessa língua.

tradicional) e a outra '*complement*' (a semivogal da terminologia tradicional), para continuar a usar a metáfora sintática”.

Um ditongo, em seu contexto de organização, compõe-se da seqüência de elementos fonologicamente vocálicos, sendo que um será o componente silábico (vogal propriamente dita), também chamada *vogal silábica*; enquanto o outro integrante será interpretado como *glide* ou *vogal assilábica* (cf. Weiss (1988) e Silva (1999)). O som definido como vocálico é aquele que possui acento mais forte; já o *glide* ou *vogal assilábica* apresenta um acento mais fraco.

A língua fula apresenta, conforme se pode conferir no quadro abaixo, um conjunto de oito ditongos decrescentes em sua constituição silábica. Destaca-se a ocorrência exclusiva de ditongos orais e a baixa quantidade de combinações com a vogal médio-baixa /ɔ/, como em /'kɔjde/ 'pé'. Ditongos com a médio-baixa /ɛ/ não acontecem em fula.

Os ditongos mais freqüentes nessa língua são /aj/, /aw/ e /ow/. Também destacam-se as combinações /ej/, /ew/, /iw/ e /uj/. Os dois primeiros casos registram ocorrência numericamente representativa, enquanto os dois últimos são quase tão pouco registráveis quanto o caso da vogal médio-baixa /ɔ/.

A seguir, são apresentados dados que exemplificam os ditongos decrescentes em fula:

Quadro 5.2 – Ditongos decrescentes em fula

/aj/	/'dāde 'maj/ /ĩ'dema 'e ĩgaj'naka/ /mi'aj/ /fa'maj/	emudecer agricultura ir terminar
/ej/	/fej'dugol/ /i'ejde/ /'lejdi/	adição areia terra
/ɔj/	/'kɔjde/	pé
/uj/	/'gujte/ /'huj/	olho mingau
/aw/	/'dʒawgo/ /'dʒawzi/ /'kawle/ /'kaw/	estudar animal outono tio
/ew/	/'bewa/ /kew'ēdi/ /'lewru/	porco quantia lua
/iw/	/'biwbi/	manhã
/ow/	/'bowdi/ /how'ane/ /'lowde/ /'nowgo/	mosca ano passado download cortar

Quanto ao caso do ditongo crescente, há um fator de diferenciação. Isso porque, para estudiosos como Cunha (2001) e Bisol (1989), estes não existiriam nas línguas. Todavia, Couto (1995) e Silva (1999) os reconhecem. O principal motivo para a discordância da existência dos ditongos crescentes é o fato de que os mesmos invertem a ordem de ocorrência da vogal silábica e da assilábica, ou seja, a vogal silábica, por ser a *head*, deve vir antes da vogal assilábica, que é o *complement*, formando assim o *head first*. Invertida a ordem, isto é, o *complement* precedendo o *head*, formando o que se chamaria de *head second*, como diz Couto, as vogais assilábicas estariam na posição ótima de consoantes e seriam interpretadas como

consoantes. Por isso, em algumas línguas são consideradas consoantes e, em outras, semiconsoantes.

Em fula, os ditongos crescentes podem ocorrer tanto em sílabas tônicas, vide /we'jo/ 'atmosfera' e /he'wi/ 'muito'; quanto pré-tônica, como em /wa'kâde 'bīde/ 'impressora' e /nja'rã/ 'bebida'. Não foram encontrados, no *corpus*, casos desses ditongos em sílaba pós-tônica.

Em relação à estrutura silábica, sabe-se que a existência dos ditongos vai de encontro à sílaba ótima CV. Contudo, em fula a seqüência *glide* + vogal não é interpretada como uma sílaba CV. Para este trabalho, adota-se a posição de que uma vogal assilábica antecedendo a silábica não será interpretada como consoante. Em palavras como /wa'nugol/ 'acariciar', /'jare/ 'barba', /ja'nugol/ 'cair' e /'ware/ 'entrada', por exemplo, /w/ e /j/ são tratados, de fato, como semivogais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no exposto nesta dissertação, pode-se afirmar que, mesmo fazendo parte de um grupo de línguas da costa oeste da África, o fula da Guiné-Bissau não apresenta sons muito incomuns (cliques, implosivos, etc.), tal qual se observa em certos grupos lingüísticos da África, inclusive em outras línguas de regiões próximas às de onde o fula é falado. Mas, apesar de apresentar tal característica, não se deve enquadrar esse idioma como uma língua de fonologia simples, pois é, de fato, incorreto tal posicionamento, que pode ser entendido como ato discriminatório. E, além do mais, o trabalho realizado é incipiente; portanto, certamente ainda pode passar por inúmeros aperfeiçoamentos até chegar a uma conclusão definitiva sobre a estrutura fonológica do fula.

A língua fula apresenta um sistema sonoro composto por 19 consoantes, que são /p,b,t,d,k,g,tʃ,dʒ,f,s,z,ʃ,ʒ,h,r,m,n,ɲ,l/. No quadro consonantal, destacam-se os dois alofones encontrados junto aos dados obtidos, que são [m̥], [mb] e [ʔ], sendo o primeiro condicionado ao fricativo labiodental surdo [f] e o segundo à presença de vogais nasais. A oclusiva glotal aparecerá mediante a ocorrência de ambos os sons alofônicos surpracitados.

Há também nesse idioma duas semivogais /w, j/, que são formadoras dos ditongos, além de sete vogais orais /a, ε, e, i, ɔ, o, u/ e cinco nasais /ã, ã, ɨ, õ, ã/. Possui, como grande parte das línguas do mundo, a predominância do padrão silábico CV, seguido das sílabas V, VV, VC e CVC, sendo o segundo e o terceiro bem menos freqüentes que os demais.

Destaca-se que, no Brasil, o fula da Guiné-Bissau é uma língua pouco ou nada explorada para fins de estudos acadêmicos. Portanto, esta dissertação pode ser considerada um ponto de partida para uma maior exploração dessa língua, tanto para que ela seja mais conhecida, quanto para que os próprios fenômenos aqui descritos possam ser aperfeiçoados e mais profundamente discutidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, M. D. **A fonologia segmental do sranan**. Dissertação de Mestrado. UnB, 2000.
- BISOL, L. **O ditongo na perspectiva da fonologia atual**. São Paulo: D.E.L.T.A., 1989.
- CALLOU, D. & LEITE, Y. **Iniciação à fonética e fonologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- COUTO, H. H. do. **Ditongos crescentes e ambissilabidade em português**. Letras de Hoje. Porto Alegre. Vol 29, nº 4, pp 129-141, dezembro de 1994.
- _____. **Fonética e fonologia do português**. Brasília: Thesaurus, 1995.
- _____. **Introdução às línguas crioulas e pidgins**. Brasília: Editora UnB, 1996.
- CRYSTAL, D. **A Dictionary of Linguistics & Phonetics**. 5 ed. UK: Blackwell, 2003.
- CUNHA, C. & CYNTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- GAYA, S. G. **Elementos de fonología geral**. Madri: Gredor, 1988.
- HALL, R. **Pidgin and creole languages**. Ithaca, New York: Cornell, University Press, 1966.
- ISTRE, G. L. **Fonologia transformacional e natural – uma introdução crítica** Florianópolis: Ensaio Lingüísticos da UFSC – Núcleo de Estudos Lingüísticos, 1983.
- LADEFOGED, P & MADDIESON, I. **The sounds of the world's languages**. Oxford: Blackwell, 2000.
- LYONS, J. “Phonemic and non-phonemic phonology”. *In*: FUDGE, E. C. **Phonology**. Baltimore: Penguin Books, 1975.

- MATTOSO CAMARA JR, J. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
- NOSS, P. A. “Fula: a language of change”. *In*: HANCOCK, I. **Readings in creoules**. Londres: 1979.
- PIKE, K. L. “Grammatical prerequisites to phonemic analysis”. *In*: FUDGE, E. C. **Phonology**. Baltimore: Penguin Books, 1975.
- POLINSKY, C. M. **O atlas das línguas – a origem e a evolução das línguas do mundo**. Tradução de Isabel Andrade. Lisboa: Editorial Estampa, 2001.
- RODRIGUES, M. N. **Os africanos no Brasil**. Brasília: Editora UnB, 2004
- SCHANE, S. A. **Fonologia gerativa**. Tradução de Alcina Soares da Rocha; Helena Maria Camacho & Junéia Mallas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português**. São Paulo: Contexto, 1999.
- WEISS, H. **Fonética articulatória – guia e exercícios**. Brasília: Summer Institut of Linguistics, 1988.

Enciclopédias Utilizadas

- BENTON, W. **Enciclopédia Barsa**. Rio de Janeiro: Enciclopédia Britânica, 1989.
- GRIMES, B. **Ethnologue: languages of the world**. Dallas: Summer Institut of Linguistic, 1988.
- Grande Enciclopédia Larousse Cultural**. São Paulo: Nova Cultural LTDA, 1998.
- Verbo Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura**. Editorial Verbo LTDA, 1969.

Site consultado

<http://www.proel.org/mundo/fulani.htm>

APÊNDICE 1 – Vocabulário Português-Fula

PORTUGUÊS	FULA DA GUINÉ-BISSAU
abelha	/haw'adu/
acordar	/'fina/
açúcar	/su'kara/
adição	/fej'dugol/
agora	/'dʒoni/
agricultura	/ĩ'dema 'e ãgaj'naka/
água	/ĩ'dʒã/
ajuda	/wa'lu/
alegria	/'wɛlte/
alho	/'lako/
alma	/fi'tãdu/
almoço	/bo'tare/
alvo	/'bɔdʒi/
alteração	/ba'kagol/
amanhã	/'dʒãgo/
amigo	/se'hil/
animal	/'dʒawzi/

andar	/ja'a/
ano	/hĩ'tāde/
ano passado	/how'ane/
anteontem	/'hēsi 'hāki/
antes	/'hade/
apagar	/i'tu/
aquecedor	/'furnu/
aqui	/'zō/
areia	/i'ejde/
arquivo	/mo'tirde 'gole/
arrotar	/'arde/
ar	/'hēdu/
arroz	/'maro/
avó	/'mama/
até	/'ha/
atmosfera	/we'jo/
banheiro	/ta'lone/
banho	/'loro/
barba	/'ware/
barco	/'bato/
barriga	/'hedo/
base	/'jōde/

bater	/ta'dʒugol/
beber	/nja'ra/
bebida	/nja'rã/
bezerro	/ĩ'bewa/
bicicleta	/'welo/
boca	/'hunuko/
bochecha	/a'fugo/
braço	/'dʒude/
bruço	/'jeso/
burro	/'bãba/
cabeça	/'hɔce/
cabelo	/su'kũdo/
cabra	/'tʃɔgi/
cachorro	/ja'rĩru/
cadeira	/'sirã/
café	/ka'feze/
cair	/ja'nugol/
calçada	/'tãde/
calor	/lage're/
cama	/'dãki/
camiseta	/'kile/

caneta	/so'dugol/
carneiro	/ga'boru/
carrapato	/'edo/
carro	/'ɔto/
cassarola	/kale'rã/
cavalo	/'bõde/
cebola	/'leko/
cemitério	/ber'de/
cérebro	/'gãdi/
cesta	/hõ'dore/
céu	/asa'mã/
chá	/'warga/
cheirar	/u'made/
chuva	/'toro/
cinco	/'dʒoi/
círculo	/ʃa'kude/
claro	/'lazo/
coberta	/tu'lãne/
cobra	/i'nege/
cobrir	/hi'pude/
coluna	/'kagal/

colher	/'kudu/
comer	/ni'ãde/
comprador	/'kogu/
comprar	/le'bugol/
comprimento	/nu'têdi/
conforto	/da'bũde/
conservação	/mo'tugol/
construção	/ta'rõne/
copo	/'põti/
corpo	/'bãdo/
cortar	/'nowgol/
costas	/'baw/
costurar	/'tugol/
cozinha	/fu'gõ/
cozinhar	/'dede/
crânio	/'ʃie 'hore/
crescer	/ɕã'dugol/
dar	/'hoka/
dedo	/'kõli/
deletar	/'i'tu/
dente	/'nile/

denunciar	/'heka/
depois de amanhã	/'bao 'dʒãgo/
depois	/ka'gal 'zũ/
desenvolvimento	/jeli'tare/
despertar	/'fina/
dez	/'sapo/
diâmetro	/tĩ'bol/
digerir	/'dolde/
direcionar	/ho'pudo/
direcionar-se	/'wat/
direita	/ni'ãmu/
divisão	/pe'kugol/
dizer	/na'nugol/
doença	/'nawna/
dois	/'zizi/
domingo	/a'let/
dormir	/da'nagol/
dor	/mu'sore/
download	/'lowde/
dúvida	/'bode/
economia	/hes'dugol/
e, em	/'e/

ela, ele	/'o/
elaborar	/fe'ni/
eletrônica	/maj'wa/
e-mail	/fa'take maj'aw/
emudecer	/dir'mãde/
encerrar	/de'tude/
energia	/'dole/
engolir	/'mode/
enraivecer	/'lɔbi/
entardecer	/ki'kize/
escarrar	/dir'mãde/
escola	/ɔʒa'gugol/
escrever	/bor'nagol/
escurecer	/'lɛbi/
esfera	/'bul/
espaço	/'zapo/
estudar	/'ɔʒawgo/
exemplo	/ma'na/
exercício	/i'korde/
experimental	/'mede/
explicação	/fi'tu/

faca	/'paka/
face	/'jeso/
faísca	/'sodo/
falar	/'jebe/
farinha	/tʃo'dīdi/
fazer	/fē'bugo/
ferir	/'gaje/
ferramenta	/li'gorgal/
ferro	/'daki/
ficar em pé	/da'rade/
fígado	/he'nire/
fita cassete	/wa'kāde he'tore 'hala/
forma	/bā'dʒeli 'goli/
frio	/dʒa'goli/
galinha	/kū'baro/
garganta	/'dāne/
gesto	/kale'ra/
grande	/'mawni/
hoje	/'hādel/
homem	/'gorko/

horizontal	/le'lĩgol/
humano	/i'nama '
igualar-se	/'foti/
impressora	/wa'kãde 'bĩdi/
indicar	/'kidu/
inferior	/'les/
inserir	/'lõbu/
internet	/kaw'ruzi 'gole/
intervalo	/'jode/
intestino	/tek'teki/
inverno	/da'bũde/
irmã	/'dʒaldʒa/
irmão	/'kwato/
ir	/mi'aj/
janela	/falã'tere/
jarro	/'dile/
justo	/'dãde/
lá	/'tõ/
lábio	/'toni/
lado	/'bãdʒe/
lagarto	/ĩ'tfã/

lago	/i'loul/
lágrima	/'bɔdʒi/
lavar	/'la'ʃude/
leite	/ko'zã/
lençol	/'bul/
ligação	/jokõ'dizi/
língua	/zẽ'gal/
locomover-se	/'ja'a/
lua	/'lewru/
maçã	/'ba'gagol/
mãe	/'ina/
manhã	/'biwbi/
mão	/'dʒuze/
marmita	/'barme/
massa	/'horde/
mastigar	/'ʃa'kude/
matemática	/'hisa/
mediador	/'ha'kule/
medir	/'hi'sade/
medo	/'uli/
meio-dia	/'na'ãge ho'ore/

mesa	/'taba/
metade	/fe'dʒere/
meu	/'ã/
mingau	/'huj/
montanha	/'jarga/
morte	/'maj/
mosca	/'bowdi/
mosquito	/dē'dela/
motocicleta	/'moto/
mouse	/'dōbel 'gole/
mudança	/ba'kitē/
muito	/he'wi/
mulher	/'debo/
muro	/hatu'mere/
nervo	/'zazi/
noite	/'dʒewma/
nuca	/ho'judu/
número	/'lire/
oito	/dʒe'tati/
óleo	/fe'lere/
olhar	/la'rane/

olho	/'gujte/
omoplata	/wa'labo/
ontem	/'hãki/
orelha	/'nope/
osso	/'i'jal/
outono	/'kawle/
ou	/'wala/
ouvido	/'nofru/
ouvir	/'fala/
país	/'lejde/
pano	/'ide'rɛ/
panqueca	/'buzi/
parte	/'he'tide/
pássaro	/'sõdo/
pasta	/'mafe/
pausa	/'guzo/
pedra	/'ka'je/
pé	/'kɔjde/
pegar	/'wi'dugol/
peito	/'belʃi/
peixe	/'lizi/
pequeno	/'fãmi/

perigo	/hêto/
perímetro	/tar'taro/
perna	/'buse/
pesado	/'tedi/
pesquisa	/ĩ'darẽ/
peçoal	/'nezo/
pimenta	/po'baru/
piscar	/'gũzo/
pó	/'kõdi/
porcentagem	/teme'dinel/
porco	/'bewa/
povo	/'dʒãma/
prato	/'bõli/
praça	/'sul/
preferência	/ku'fazi/
primavera	/'tʃezu/
primo	/'dêda/
problema	/'fire/
procura	/i'lu/
protetor	/za'kude/
próximo ano	/mo'wuri/

pulmão	/'dʒufe/
quantia	/kew'ēdi/
quarta-feira	/a'larba/
quarteirão	/'gale ka'are/
quase	/'ta/
quatro	/'nai/
quente	/'wuli/
querer	/'feni/
quinta-feira	/alka'miza/
raio	/'kodi/
razão	/'lobu/
recheio	/'hofo/
recordação	/'tesko/
registrar	/'wīda/
represa	/'baras/
resultado	/ko'hefa/
retângulo	/ga'lebe/
revestimento	/su'kūdo/
revisão	/'heto/
rio	/wa'de/
risco	/'hēdo/
roupa	/gu'de/

rua	/'jasi/
ruim	/mo'fani/
sábado	/a'set/
saber	/'gãda/
sacola	/za'kul/
sala	/sa'lõ/
sala	/'sudu/
sal	/lã'zã/
salvar	/'mofu/
sangrar	/tu'jude/
sangue	/'iã/
sapato	/'põre/
seca	/'joro/
século	/teme'dere/
segunda-feira	/al'tinel/
seis	/'dʒegõ/
semana	/jõ'tore/
sentar	/wĩ'dugol/
sério	/'to/
servir	/fe'kude/
sete	/dʒe'zize/

seu	/'saw/
sexta-feira	/al'dʒuma/
somente	/'tã/
subtração	/us'tugol/
superior	/'do/
tarde	/kiki'de/
televisão	/wa'kãde je'mirde/
têmpora	/ha'kile/
terça-feira	/ta'lata/
terminar	/ti'maj/
terra	/'lejdi/
ter	/'dʒɔgi/
testa	/'korfi/
testa	/'tīde/
teste	/e'kozel/
tia	/ia'je/
tigela	/bo'olo/
tio	/'kaw/
toca-fitas	/le'fal 'hala/
touro	/ĩ'gari/
treinar	/'jebe/

três	/'tati/
triângulo	/koɾ'fuli 'tati/
tristeza	/'lɔbi/
umbigo	/u'du/
um	/'go/
unha	/pe'dali/
unidade	/ki'sogo/
vapor	/sur'tĩde/
vendedor	/ni'ejgol/
vomitar	/'tude/
vento	/'ẽdo/
verão	/ĩ'dũgo/
vertical	/da'rĩgol/
vestir	/li'pugol/
vida	/ĩ'gurdã/
vídeo-cassete	/le'fol je'fɔrgal/
vir	/'ara/
visão	/wa'kãde ko'liɾge 'gole/
voltar	/go'tugol/
volume	/tu'fere/
web site	/'noku 'gole/

xérox (máquina)	/wa'kãde tĩ'tĩnol/
zero	/'dara/

APÊNDICE 2 – Expressões Correntes na Língua Fula

<i>Algumas Expressões Comuns no Fula da Guiné-Bissau</i>	
Adeus	/ĩgonẽ e 'dʒã/
Ajude-me	/wa'lã/
Como vai você?	/'no i'ɓaza/
Estou bem	/'bo 'zo 'e 'dʒã/
Você está bem?	/'a 'za 'seli/
Bem	/'dʒã 'tã/
Por favor	/'tino/
Bem-vindo	/'bisi'mila/
Desculpe-me	/'jafo/
Com licença	/'nja'foda/
Estou com sede	/'mi 'zõzi/
Estou com fome	/'mi me'tini/
Estou feliz	/'mi 'hejzi 'no fe'wi/
Onde?	/'hol 'tõ/
Quando?	/'mãde/
Como?	/'hol 'no/
O quê?	/'hol 'ko/
Quem?	/'ho 'lõ/
Qual?	/'hol/

Obrigado

/ˈa jaˈkama/

APÊNDICE 3 – Numerais em fula

<i>Numerais em Fula acima do Dez</i>	
11	/sapo 'e 'go/
12	/sapo 'e 'zizi/
17	/sapo 'e dʒe'zidi/
20	/nogas/
24	/nogas 'e 'nai/
30	/ka'pāze 'tati/
40	/ka'pāze 'nai/
50	/ka'pāze 'dʒoi/
55	/ka'pāze 'dʒoi 'e 'dʒoi/
60	/ka'pāze 'dʒegō/
70	/ka'pāze dʒe'zizi/
80	/ka'pāze dʒe'tati/
90	/ka'pāze dʒe'nai/
100	/teme'dere/
200	/teme'dere 'zizi/
900	/teme'dere dʒe'nai/
990	/teme'dere dʒe'nai 'e ka'pāze dʒe'nai/

1000	/uj'nere/
1900	/uj'nere 'e teme'dere dʒe'nai/
1.000.000	/le'fol/
10.000.000	/'lefi 'sapo/